

EPA - Estudos Portugueses e Africanos

Número 3, 1984

Páginas 97 - 103

Da literatura de cordel portuguesa

Márcia Abreu

"Todos os versos son da Estátua Equestre  
E todos os famosos entremezes  
Que no Arsonal do vago caminhante  
Se vendem a cavalo num barbante."<sup>1</sup>

Um cego sentado no adro de uma Igreja ven  
dia pequenos folhetos de uma ou duas folhas de papel de  
inferior qualidade, dobradas em quatro. A composição e a  
impressão eram grosseiras. Nas ruas e debaixo das ar  
das viam-se mais folhetos dependurados em barbantes. Os  
sapateiros e artífices deliciavam-se com o pregão dos  
vendedores.

Na porta de um teatro alguém vendia autos,  
farsas, pequenas novelas, contos fantásticos, moralizan  
tes ou de fundo vagamente histórico, metrific  
dos. Em geral, textos estrangeiros adaptados à imagina

---

Márcia Abreu é aluna do curso de Graduação em Letras do  
IEL - UNICAMP

ção e sensibilidade popular portuguesa bem como às condições daquele local. É assim que temas antiquíssimos já conhecidos na Europa culta antes do século XVI tornaram-se familiares ao povo português a partir dos séculos XVI e XVII, consagrando-se no século XVIII. É do século XVI Baltazar Dias, poeta cego do tempo de D. Sebastião, autor popular por excelência, cujas folhas volantes, autos e trovas ainda eram apreciados no século XVIII. Entretanto, este tipo de literatura entra em declínio quando o gosto do povo português foi desviado para os sermões, milagres e vidas de santos, sendo a produção de cordel dificultada pelo Índices Expurgatórios de 1581 e 1624, padecendo também a invasão e concorrência dos escritos espanhóis.

No século XVIII, no entanto, há uma retomada na produção desta literatura, ao que parece incentivada pela Irmandade do Menino Jesus dos Homens Cegos, que possuía a exclusividade na "venda de folhinhas, histórias, autos e livros usados." Em 1820 uma resolução do Desembargo do Paço ainda mantinha este privilégio da Irmandade, que se compunha exclusivamente de cegos. Como as finalidades desta instituição fossem didáticas, os folhetos deveriam estar de acordo com a religião e com os costumes estabelecidos.

Nesta época, os assuntos dos folhetos cobriam uma larga escala. Os preferidos eram os "casos acontecidos", locais ou não "em 1886, José Leite de Vasconcelos em O Povo Português nos seus costumes, crenças

e tradições, mencionava folhetos sobre a vida de José do Telhado e de João Brandão, criminosos célebres, sobre a Guerra de Hespanha sobre a Mulher-Homem, que fazem parte de "categoria" dos "casos acontecidos" e que, segundo ele despertavam grande curiosidade e interesse), autos dos escritores quinhentistas e novelas de cavalaria. A produção popular deste período parece ter sido essencialmente picaresca.<sup>2</sup>

O conto popular não faz parte deste tipo de literatura, mas seus temas são, se não idênticos, pelo menos análogos, com implicações e influências recíprocas. Alguns destes temas são muito antigos, têm origem principalmente francesa e espanhola e chegaram a Portugal basicamente através da Espanha, já que os povos destes dois países mantinham estreitas relações, principalmente ao longo da fronteira. José Leite de Vasconcelos diz também que "apesar de Portugal ser, na língua, na raça, nos instintos e até certo ponto na geografia um país perfeitamente distinto da Espanha e apesar das guerras que desde os primórdios da monarquia houve entre as duas nações peninsulares, temos sempre mantido relações domésticas com os espanhóis. Onde o fato se verifica bem é nas fronteiras. Os povos da fronteira transmontana falam corretamente o castelhano do mesmo modo que os de lá falam o português. O mesmo se dá no Alentejo."<sup>3</sup> Refere também o intercâmbio populacional entre os dois países devido ao comércio, ao trabalho, às festas e romarias.

Assim sendo encontram-se composições es

critas metade em português e metade em espanhol e outras, naquela língua, com várias palavras em castelhano. A Verdadeira História de Imperador Carlos Magno, por exemplo, descende da tradução espanhola (do original francês) de Carlos Magno, impressa em Sevilha em 1525. No princípio do século XVII já corria impresso em Portugal a Formosa Magalona, influência do romance cavalheiresco francês sobre a península, que foi vertida para a Espanha e que de lá passou para Portugal. Acredita-se que é bem possível que já no princípio do século XVI esta composição fosse conhecida em Portugal e que o original tivesse sido composto antes do século XIV.

Praticamente o mesmo ocorreu com a Verdadeira História da Donzela Theodora, cuja origem encontra-se no oriente e que já corria na Espanha em fins do século XV, chegando a Portugal através da tradução de Carlos Ferreira, publicada em 1735. Tem-se o mesmo com relação à Verdadeira História do Grande Roberto Duque de Normandia e Imperador de Roma, que é uma transposição para o português da história francesa, de Robert, le Diable, anterior ao século XIV, e que aparece na Espanha no início do século XVI, sendo mais tardia em Portugal onde só surge no século XVIII.

Logicamente, a literatura de cordel portuguesa não é constituída apenas por folhetos cuja origem encontra-se fora de Portugal, mas é interessante notar que obras mais significativas ou que tiveram maior repercussão são estrangeiras. A literatura de cordel portu

sa baseia-se grandemente em traduções e adaptações, não são de autores estrangeiros mas também de nacionais - é o caso de Gil Vicente, que teve vários de seus autos transformados em literatura de cordel.

Além disso, como não poderia deixar de ser, existe a criação original. Baltazar Dias, de quem já falamos anteriormente, foi o mais popular dos autores de cordel e escreveu os conhecidos folhetos A Tragédia do Marquês de Mântua, A Obra da Famosa História do Príncipe Cláudio, o Auto de Santo Aleixo, o Auto de Santa Bárbara e o folheto Malícia das Mulheres, que eram, ainda no século XIX, lidos, apreciados e reeditados. Além de Baltazar Dias, Ribeiro Chiado, Nicolau da Silva e Antônio José da Silva eram muito considerados. Estes autores produziram ao mesmo tempo teatro de cordel. São obras impressas em folheto como os da literatura de cordel comum, mas contêm uma peça de teatro. Algumas vezes trata-se apenas da transcrição de peças que estavam sendo apresentadas; em outros folhetos, há uma adaptação acrescida de comentários e explicações.

O principal ponto de venda do teatro de cordel eram as portas das casas onde os espetáculos estavam sendo apresentados. Há ainda autores que escreviam com a intenção de publicar suas peças através do cordel. Dentre eles encontramos Nicolau Luis, que ficou como um dos dramaturgos mais representativos deste tipo de teatro e que começou traduzindo e adaptando obras espanholas e italianas, cujos manuscritos vendia aos cegos. Os famosos

folhetos Os Maridos Peraltas e as Mulheres Sagazes, O Criado de si Mesmo e Belisário são de sua autoria. Mais representativo ainda é Antônio José da Silva, autor de Guerras do Alecrim e da Manjerona e A Esopaida.

Nos princípios do século XIX encontramos Rodrigues Maio (O Doutor Sovina e O Aprendiz de Ladrão) e Ricardo José Fortuna (As Astúcias de Zanguizarra) que podem ainda ser considerados autores de teatro de cordel.

Segundo Albino Forjaz Sampaio, "depois do século XIX o teatro popular apaga-se. Perde em primeiro lugar o aspecto tipográfico que o seriava. Depois extravia-se no formato e promiscui-se por fim com a folhetada incômoda que todos os dias aparecendo vai. Sai então ou da tipografia que foi de Lino da Silva Godinho ou da Impressão de Eugênio Augusto (...) Em 1808 ponde um pouco já para o fim. O teatro popular morrerá. O país atravessava uma crise agônica. Teatro e cômicos estavam positivamente pela hora da morte."<sup>4</sup>

Junte-se a isso a declaração do mesmo autor em seu livro Subsídios para a história do teatro por tuguês - teatro de cordel de 1920, onde se diz que "es tes opúsculos de fácil deterioração comprados por indiví duos de poucas posses tornam-se extremamente raros, prin cipalmente os do século XVI e XVII, julgando-se até alguns deles como inteiramente perdidos" José Leite de Vas concelos, Teófilo Braga e muitos outros estudiosos de li teratura de cordel fizeram observações no mesmo sentido, afirmando que a literatura de cordel portuguesa morreu.

Mas, ainda agora, numa pequena cidade do interior de Portugal, em uma festa popular, um cego canta: é guiado por uma velha e forte negra que vende folhetos de cordel. Como antes, o povo se delicia...<sup>5</sup>

---

NOTAS

1. in: Teófilo Braga: O Povo Português nos seus costumes, crenças e tradições. Lisboa, Livraria Ferreira Editora, 1886, Livro 3.
2. Esta divisão em três períodos - século XVI, XVII, e XVIII foi elaborada por Teófilo Braga no seu livro O Povo Português nos seus costumes, crenças e tradições, op. cit., pág. 1
3. O Romanceiros Portugêses, Livraria Ferreira, Lisboa, 1958, 2 vol.
4. Sampaio, Albino Forjaz: Teatro de Cordel, sem local, sem editora, 1922.
5. Como nos foi narrado por António José Saraiva, que presenciou a cena há alguns anos atrás.